

100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI

CHALUTZIUT 2020

MATERIAL EDUCATIVO

HANAGÁ MUNDIAL DO BETAR



מחלקת
חינוך
והדרכה





100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



“...advogado, soldado, camponês. Foi à Tel Chai procurar trabalho com um arado, encontrou a morte com um rifle, disse “Ein Davar” e morreu imortal”.



Zeev Jabotinsky

Trumpeldor chegou à Alta Galileia em um período de incertezas políticas e agitações árabes. De acordo com o pacto secreto franco-britânico, devido à Primeira Guerra Mundial, a Turquia seria dividida e a Síria (incluindo a Alta Galileia) ficaria sob administração francesa. Após o colapso da Turquia e a ocupação francesa na Síria, os franceses não conseguiram estabelecer um mandato efetivo na Galileia, devido à resistência árabe. Ademais, grupos beduínos não se dedicavam apenas a combater os franceses, mas também a assediar sistematicamente as isoladas colônias judaicas. O Yishuv conhecia bem o perigo que enfrentavam os assentamentos do norte; o primeiro que insistiu na necessidade de reforçar as magras defesas judaicas na Galileia foi o “Hapoel HaTzair”.



Trumpeldor chegou a Tel Chai no final de 1919. Nessa pequena colônia, ele encontrou um grupo de jovens, homens e mulheres, despreparados para enfrentar a ameaça árabe. Em seu diário, há uma descrição desses jovens e de seu caráter, bem como uma avaliação de sua coragem e seu nervosismo e, em alguns casos, a ausência deles diante do perigo real. É um parecer realista dos homens e mulheres com os quais ele estava destinado a compartilhar os últimos dias de sua vida.

De suas palavras emerge um homem com profundo conhecimento e compreensão da natureza humana, que nasceu para comandar, um líder dos homens. Ao chegar à Tel Chai, como era de se esperar, Trumpeldor se tornou o condutor aceito e confiável. Impondo o mesmo regime rigoroso que adotara em sua juventude, Trumpeldor foi menos intransigente do que havia estado com seus soldados em Galipoli. Da mesma forma que lá, ele compartilha com os homens e mulheres sob seu comando as tarefas diárias, tanto no campo quanto na guarda, dia e noite. Mas em Tel Chai ele nunca dá ordens, consulta seus amigos e aceita a decisão da maioria. Seus deveres como comandante de Tel Chai o colocaram em contato diário com os habitantes de Kfar Giladi.

Os antigos colonos de Kfar Giladi formaram um grupo fortemente unido, com sua própria filosofia e suas próprias teorias. Como grupo, eles rejeitavam qualquer intervenção externa em suas coisas, especialmente a de Trumpeldor, que abordava os problemas defensivos da colônia de um ponto de vista puramente militar. Os antigos cuidadores de Kfar Giladi diziam - com certo grau de precisão - que Trumpeldor não conhecia ou compreendia a mentalidade árabe e que sua abordagem puramente militar ante as gangues errantes estava fundamentalmente errada: eles insistiam na necessidade de usar estratégias e táticas de guerrilha, antes das militares. Mas, acima de tudo, Trumpeldor - o dirigente intelectual - não atraiu os defensores de Kfar Giladi.

A revolta árabe contra os franceses estava em ascensão e, no início da década de 1920, os beduínos não apenas atacaram os assentamentos judaicos, mas também



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI

CHALUTZIUT 2020



combateram com êxito os soldados regulares franceses e os expulsaram de suas posições fortificadas, inclusive em Metula, onde os franceses mantinham uma forte guarnição.

A retirada de unidades francesas de suas posições fortificadas confrontou os habitantes judeus da Galileia com um dilema real. Seria possível que os assentamentos, com força limitada, armados apenas com revólveres e rifles, pudessem se defender quando o exército francês, equipado com artilharia, tivesse sido despejado de suas posições? Todos os pedidos enviados ao Vaad Zirim em Tel Aviv e ao Vaad Haganá na Galileia, em Ayelet Hashachar, foram em vão. Não analisaremos aqui a situação política do Yishuv, nem o poder - ou a falta dele - dos órgãos que o governavam sob a hostil.

Administração Militar Britânica, a qual foi responsável pelo Pogrom de Jerusalém. Para nossos propósitos, basta afirmar que os defensores da Alta Galileia foram libertados com seus próprios recursos. A decisão de defender ou abandonar as colônias judaicas foi deixada para eles.

Em 8 de janeiro de 1920, em uma assembleia em Kfar Giladi, os colonos decidiram concentrar a defesa da Alta Galileia em três assentamentos: Tel Chai, Kfar Giladi e Metula. A maioria argumentou que a decisão em si de ficar seria um impedimento ao ataque árabe, pois acreditavam que a resolução se basearia na força e na confiança do povo.

No início de fevereiro de 1920, os franceses tiveram que abandonar toda a Galileia, e novamente os defensores de Tel Chai e Kfar Giladi tiveram que decidir o destino da Galileia judaica. Em Tel Chai, uma minoria bastante barulhenta insistia na retirada imediata. Eles argumentaram que não valia a pena defender colonos judeus que empregavam trabalho árabe e que, sobre as ruínas das fazendas privadas, erguer-se-iam colônias sustentadas pelo trabalho judaico. Trumpeldor e a maioria, por sua vez, se opuseram vigorosamente a essa abordagem limitada. Ele observou que não era o momento certo para "acertar as contas" e insistiu em defender todas as posições judaicas. Eles tinham que defender não apenas Tel Chai e Kfar Guiladi, mas também Metula, que seria o único caminho aberto para Sidon (cidade do Líbano). Das instituições judaicas na Palestina, apenas a Organização Trabalhista de Yafo decidiu oficialmente defender a Galileia judaica. No entanto, seu chamado para a congregação de voluntários atraiu apenas um punhado de jovens que não puderam conseguir armas. O apelo às autoridades britânicas para enviar uma força militar foi rejeitado, sob o pretexto de que, de acordo com o pacto secreto anglo-francês, a Galileia estava sob jurisdição francesa; senão de fato, pelo menos de jure.

Com seus próprios recursos, em 26 de fevereiro de 1920, Trumpeldor liderou uma pequena força de quinze homens, forçou uma quadrilha de saqueadores árabes a fugir e ocupou Metula, anteriormente abandonada. Deixando ali uma pequena guarda sob o comando de Eliezer Alperin, um velho amigo.

Em 1º de março - 11 de Adar, de acordo com o calendário hebraico -, Trumpeldor foi vítima de uma traição árabe. Uma multidão árabe, conduzida pelo bandido Kemal, se aproximou dos portões de Tel Chai e pediu permissão para explorar o estabelecimento, a fim de verificar se não havia soldados franceses escondidos lá. No conflito franco-árabe, os colonos judeus mantiveram uma atitude de estrita neutralidade. Se a entrada deles fosse recusada, sua ação seria interpretada como um gesto hostil e





100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



confrontaria toda a população árabe. Não foi a primeira vez que os árabes foram autorizados a verificar por si mesmos a ausência das forças francesas, e não havia motivos para suspeitar de uma armadilha nesse caso em particular.

Quando os árabes chegaram ao portão de Tel Chai, Trumpeldor estava em Kfar Giladi com um de seus amigos, discutindo sobre medidas defensivas. Informado do pedido árabe, Trumpeldor retornou à Tel Chai, quando alguns árabes já haviam sido autorizados a entrar ou já haviam se infiltrado. Ele permitiu que o líder da gangue, acompanhado por dois tenentes, entrasse na cidade. Logo ficou claro, no entanto, que o verdadeiro objetivo era desarmar os judeus. Quando Dvora Drachler deu o alarme de que a estavam desarmando, Trumpeldor ordenou que abrissem fogo. No tiroteio que se seguiu,

Trumpeldor foi fatalmente ferido. Ele não pode ser tratado conforme necessário, dado que a fortaleza se encontrava sitiada e que os árabes ocupavam o segundo andar do prédio, onde estava a equipe de primeiros socorros. Estava quase escuro quando o Dr. Guri, de Kfar Giladi, foi capaz de examinar os defensores feridos. Ele reconheceu a gravidade do ferimento de Trumpeldor, que não tinha ilusões, compreendendo a letalidade de seus ferimentos. Quando perguntado pelo médico como se sentia, ele respondeu:



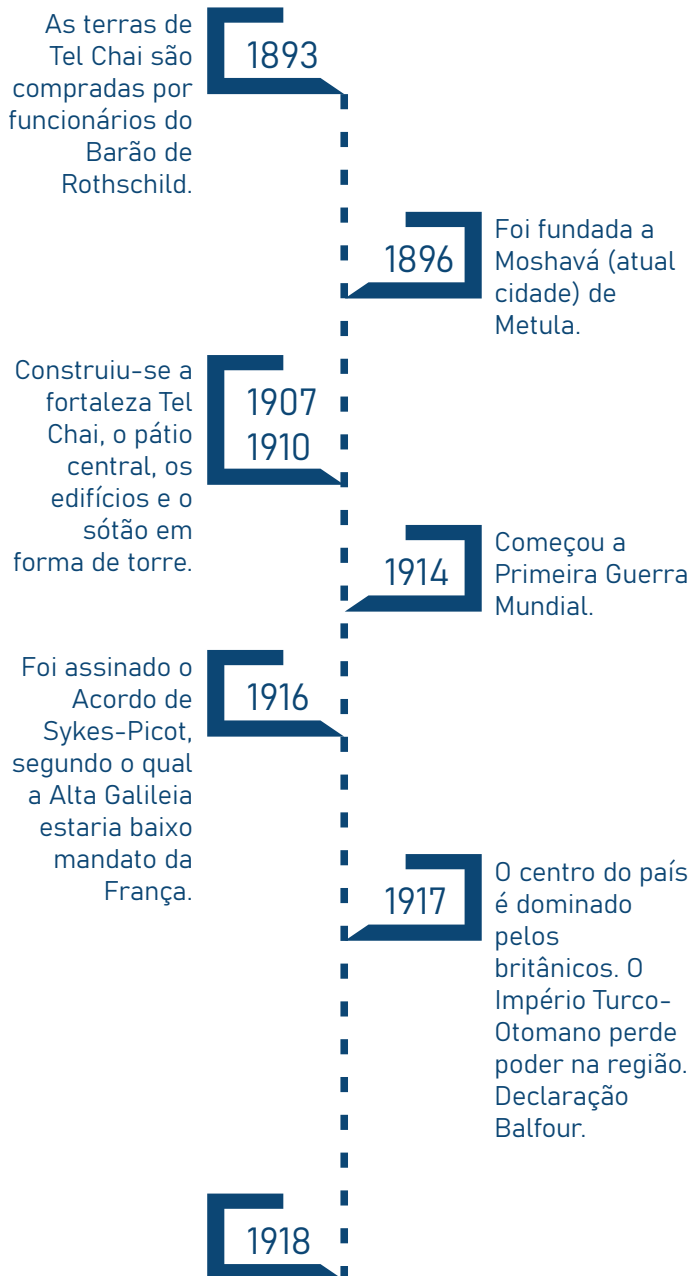
Trumpeldor

“Ein davar, tov lamut bead artzeinu.”



TERMOS RELACIONADOS A TEL CHAI

DATAS HISTÓRICAS PARA RECORDAR:



*Os membros do HaShomer - uma milícia judaica fundada em 1909, na Palestina otomana, com o objetivo de defender os assentamentos sionistas instalados durante a Segunda Aliá (1904-1914) - estabeleceram Kfar Giladi, Tel Chai e Hamara.

Setembro de 1918 - os britânicos abandonam o norte de Israel segundo o acordado em 1916 (Sykes-Picot). Os franceses não conseguem controlar a zona, transformando-na em uma "terra de ninguém".

ANTECEDENTES HISTÓRICOS:

Com a ocupação de Israel pelos britânicos, houve demandas opostas pelas partes interessadas:

- * Os judeus esperavam o cumprimento da Declaração Balfour (publicada em novembro de 1917);

- * Os árabes esperavam que o grande estado da Síria se estabelecesse baixo a coroa da família Hashemita, cujo centro estava em Damasco;

- * Os franceses esperavam que a Coroa Britânica respeitasse o acordo de Sykes-Picot;

- * Os assentamentos orientais da Alta Galileia (Metula, fundada em 1896; Kfar Giladi; Tel Chai e Hamara), estabelecidos alguns meses antes pelo grupo paramilitar HaShomer, encontravam-se fora do controle do exército britânico - o qual retirou suas tropas a fim de honrar o acordo de Sykes-Picot - e também das forças francesas - as quais não conseguiriam estabelecer seu domínio na região.

Bandos de beduínos percorriam a área, atacando, saqueando e matando a população das aldeias cristãs. Os judeus não foram tocados. Essa era a política "declarada" dos beduínos, leais ao emir Faisal e seus vizinhos, moradores das montanhas Khalsa e Naftali.

Os tumultos árabes na região, durante os quais a comunidade de Tel Chai também foi atacada, foram dirigidos contra a presença francesa, uma vez que o Vale de Hula foi incluído no mandato francês. Os franceses interromperam os planos de Faisal na Síria. Nesse contexto, os partidários do emir controlavam a área, que, naquele então, era uma espécie de terra de ninguém.



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



KVUTZAT TEL CHAI:

O grupo Tel Chai era originalmente composto por sete homens e duas mulheres, e seu principal objetivo era criar novos assentamentos na Galileia. As condições de trabalho eram duras, as mulas usadas como animais de trabalho eram roubadas, não havia dinheiro para comprar sementes. Em menos de um ano, alguns dos fundadores se retiraram.

Trumpeldor, que chegou brevemente a Israel em outubro de 1919 para preparar o terreno para a absorção em massa de judeus russos, foi enviado a Tel Chai "por alguns dias" para ver o que estava acontecendo. No final de dezembro de 1919, Yossef Trumpeldor é enviado para comandar Tel Chai.

DEBATE DO COMITÊ PROVISÓRIO DOS JUDEUS DA PALESTINA

Em 22 de fevereiro, o Comitê Provisório dos Judeus da Palestina se reuniu para discutir se protegeria os assentamentos remotos como Tel Chai a todo custo ou os evacuaria. Os líderes dos trabalhadores - Ben-Gurion, Katznelson, Tabenkin e Golomb - acreditavam que os pontos deveriam ser protegidos a toda maneira.

Jabotinsky, pelo contrário, defendia que, dadas as circunstâncias, não havia possibilidade de proteger as comunidades do norte, sendo melhor retirar-se completamente da região até que a ira passasse.

Apesar disso, a decisão tomada foi a de proteger as comunidades da Alta Galileia e ajudá-las com mão-de-obra e equipamentos. No final do mês, apenas um grupo de voluntários conseguiu chegar à área.

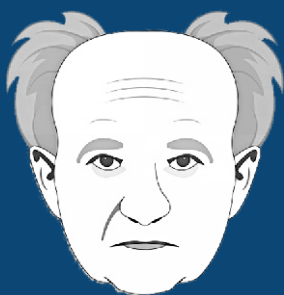


O LEGADO DE TEL CHAI NA SOCIEDADE ISRAELENSE

O lema "É bom morrer pela pátria" tornou-se uma afirmação central na história da batalha de Tel Chai e, posteriormente, na consciência coletiva do sacrifício pessoal pelo bem do Yishuv e pelo Estado de Israel.

A imagem de Trumpeldor bem como suas últimas palavras foram admiradas no Yishuv na Terra de Israel e por todo o povo judeu e suas diferentes correntes ideológicas.

No mês de Adar de 5743 (1943), logo após as notícias da morte dos combatentes do Levante do Gueto de Varsóvia, em um discurso proferido por **David Ben-Gurion** em frente a um grupo de jovens que estavam nos túmulos de Trumpeldor e de seus companheiros que morreram em Tel Chai, Ben-Gurion se referiu à "disposição para a morte" expressa nas palavras de Trumpeldor:



David Ben Gurion

"Não viemos aqui para morrer. Não é bom morrer. É bom viver. A sede pela vida, o amor pela vida trouxe aqui o jovem de Petersburgo que não tinha um braço. Um grande amor pela vida o trouxe a este país. E se o disse, o fez antes de sua morte: "É bom morrer pelo pátria", Trumpeldor disse pelo amor à vida. Porque vale a pena viver. Mas a vida que ele amava era uma vida livre. Uma vida de um judeu orgulhoso a quem não fariam o que estão fazendo com milhares de judeus agora no inferno nazista.

É possível viver uma vida digna de ser vivida, mas se morrermos, que seja uma morte heróica... Não seremos dignos desta vida; e nossas vidas não serão vividas, se todos os jovens, homens e mulheres, dentro de nós também não souberem, quando houver necessidade, morrer. E somos chamados a nos preparar não somente a morrer, ou a viver, mas também a lutar."



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



A HAGANÁ E TEL CHAI

A Haganá descreve o impacto de Tel Chai em seu site nas seguintes palavras:

"O dia da queda de Tel Chai, 11 Adar, tornou-se um dia memorável. Mais tarde, foi designado como "Dia da Haganá".

O movimento sionista e a comunidade judaica em Israel viam a posição das comunidades na Galileia e em Tel-Chai como um símbolo da vontade de se levantar e de lutar pela existência de cada assentamento. A Batalha de Tel-Chai acelerou o estabelecimento da Haganá, três meses e meio depois, e seus valores centrais foram determinados pela herança desse episódio: cada cidade deve se defender com seus próprios meios e forças.

Os assentamentos judaicos definirão verdadeiramente as bases e os limites de nosso Lar Nacional e de nossa futura independência.

A oração de Yizkor, composta por Berl Katznelson em memória dos oito soldados de Tel Chai, serviu de base para o "Yizkor" escrito para os membros da Haganá e depois para a memória dos soldados caídos em Israel.

BERL KATZNELSON COMPÔS UMA NOVA ORAÇÃO DE YIZKOR:

"O povo de Israel se lembrará das almas puras de seus filhos e filhas: Schneur Sposhnik, Aharon Sher, Deborah Drachler, Benjamin Monter, Sharf, Sarah Chizik, Toker, Yossef Trumpeldor.

Os fiéis e valentes, os homens de trabalho e de paz, que perseguiram o arado e se exilaram pela dignidade e pela terra de Israel. Israel se lembrará e será abençoado com sua semente e chorará a luz da juventude, o seu heroísmo e sua vontade e a devoção da alma que perecerá na batalha. Nosso luto não cessará ou diminuirá até o dia em que Israel redima sua terra despojada."

Este "Yizkor", com algumas mudanças, tornou-se o "Yizkor" das Forças de Segurança e das Forças de Defesa de Israel.

Em Tel Chai, na Galileia In Tel Chai in the Galilee (1935) Autor: Abba Chushi

Você pode escutar a canção escaneando o código QR



<p>Em Tel Chai, na Galileia Trumpeldor caiu Pela nossa nação, pelo nosso país. O herói Yossef caiu.</p> <p>O caminho das colinas, o caminho das alturas. Corra e espalhe o nome de Tel Chai Diga aos meus irmãos lá "Siga meus passos"</p> <p>Em todo lugar, em todo momento. Lembrem-se de mim Porque eu lutei e caí. Pelo bem do meu país Durante todo o dia, trabalhei no arado. E à noite, eu segurava uma arma na mão. Até o último momento</p>	<p>In Tel Chai in the Galil Trumpeldor fell For our nation, for our country The hero Joseph fell The path of the hills, the path of the heights Run and spread the name Tel Chai Tell my brothers there "Follow in my footsteps" In every place at every moment Remember me For I fought and I fell For the sake of my homeland</p> <p>All day I worked the plow And at night I held a gun in my hand Until the last moment</p>	<p>בגליל, בתל חי טרומפלדור נפל בעד עמנו בעד ארצנו גיבור יוסף נפל</p> <p>דרך הרים, דרך גבעות רץ לגאול את שם תל חי לאמור, לאחים שם "לכו בעקבותי"</p> <p>בכל מקום ובכל רגע תזכרו אותי כי נלחמתי וגם נפלתי בעד מולדתי</p> <p>כל היום אני חרשתי ובלילה קנה רובי אני ביד אחזתי עד הרגע האחרון</p>
--	---	---



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



Canção dos prisioneiros de Aco (1921)

Letra: Ze'ev Jabotinsky

Você pode escutar a canção
escaneando o código QR



<p>De Dan para Beer Sheva De Guilad ao mar Não há um único lugar em nossa terra Que não tenha sido resgatado com sangue.</p> <p>O sangue judeu foi absorvido Pelos campos, montanhas e vales. Mas por muitas gerações não houve sangue tão puro quanto o dos lavradores de Tel Chai.</p> <p>Entre Eilat e Metula Encontra-se uma sepultura solitária O sangue de um herói armado guarda as fronteiras de nossa terra.</p> <p>Somos cativos, mas nossos corações estão com Tel Chai no norte Nossa será a coroa de Hermon..</p>	<p>From Dan to Bersheba From Gilad to the Sea There is not one spot of our land That was not redeemed by blood.</p> <p>Jewish blood was absorbed. By the fields, mountains and valleys But from many generations there was no Purer blood than that Of the flowers of Tel Chai</p> <p>Between Eilat and Metulla Stands a lonely grave. In it is the blood of one of the Guardians of the borders of our land -- The one armed hero.</p> <p>We are captives, but our hearts Are with Tel Chai in the North Our will be the crown of the Harmon.</p>	<p>מני דן עד באר שבע, מגלעד לים, אין אף שעל אדמתנו לא כפר בדם.</p> <p>דם עברי רוו לשבע ניר וְהַר וְגִיא; אך מדור ודור לא נשפך טהור מדם חורשי תל חי. מדם חורשי תל חי.</p> <p>בין אילת ומטולה, בקברו דומם, דם שומר גבול ארצנו גבור גדם.</p> <p>אנו שבי, אך לבנו אלי תל-חי בצפון; לנו, לנו, תהיה לנו כתר החרמון, כתר החרמון</p>
--	--	--

IOM TEL CHAI NAS ESCOLAS DE ISRAEL

Em Yud Alef Be'Adar (11 de Adar), de acordo com o calendário hebraico, o dia de Tel Chai, conhecido como Iom Tel Chai, é comemorado em todo o sistema educacional de Israel. A grande maioria das escolas, nesse dia, realiza atividades baseadas na história de Trumpeldor e na batalha de Tel Chai, bem como trabalha valores diferentes, tais quais o pioneirismo, a liderança e o assentamento judaico na Terra de Israel.

TEL CHAI E OS MOVIMENTOS JUVENIS EM ISRAEL

Durante o dia de Tel Chai, os madrichim e chanichim do Betar Israel podem faltar à escola com a permissão do sistema educacional israelense para participar do Iom Tel Chai. Os madrichim e chanichim fazem uma caminhada pela zona de Tel Chai até chegar à esplanada onde está localizada a estátua do "leão que rugiu". Esse passeio é acompanhado por uma atividade que conta a história de Tel Chai e os valores que a tnuá extrai deles, através de uma



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



competição por maozim do ruach betarí.

Após a caminhada dos maozim do Betar Israel, um ato memorial é realizado junto a Hanagá Olamit e a chanichim do mundo todo. Além disso, nos últimos anos, uma condecoração chamada Maguen Tel Chai - o escudo de Tel Chai - foi dada a uma figura influente da sociedade israelense em aspectos relacionados aos valores de Trumpeldor e de Tel Chai.

Outros movimentos juvenis, como o Hanoar HaOved ve'HaLomed e o Bnei Akiva, também recordam a batalha de Tel Chai e seus mortos durante seus cursos de hadrachá.

Você quer ver como se vivencia Iom Tel Chai no Betar Israel? Escaneia o código QR





100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



Betarim - Iom Tel Chai 1931



1937 Misdar Betarim - Iom Tel Chai



Iom Tel Chai 2005



2012 Shnat Australia - Iom Tel Chai



Shnat Uruguai - Iom Tel Chai 2014



2018 Iom Tel Chai



Kinus Mundial - Tel Chai 2019





100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI

CHALUTZIUT 2020



O LEGADO DE TEL CHAI NA IDEOLOGIA DO BETAR

No período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o conceito de chalutz (pioneiro) refere-se a um jovem judeu que treinou por um período de um ano e meio a três anos em um dos estabelecimentos de "Hachshará" (preparação) da diáspora, em direção ao trabalho físico árduo, que recebeu uma permissão de imigração ("Certificado") e que ascendeu a Eretz Israel (sem nenhum meio material) para trabalhar. Mas Jabotinsky imaginou uma figura diferente à do pioneiro, inspirada na personalidade do fundador do movimento HeChalutz, Yossef Trumpeldor, que durante uma reunião com Jabotinsky, nos tempos da Primeira Guerra Mundial, exibiu diante do Rosh Betar seus dois planos, para cuja realização partiu de Londres à Rússia: o primeiro, a criação de um exército hebreu de cem mil soldados, cujo objetivo seria a conquista da Eretz Israel; o segundo, foi descrito por Jabotinsky assim:

"Eu nunca esquecerei sua resposta. Também não esquecerei em qual ocasião ela me foi dada. Foi em uma sala mal iluminada, em algum canto distante de Chelsea, mas essa resposta foi adotada nas montanhas e vales de Eretz Israel e assim nunca será esquecida pelo nosso povo. A realização do primeiro plano foi arruinada pelo colapso da Rússia; o segundo plano por sua vez foi realizado. Não escrevi suas palavras, mas não era necessário: elas estavam muito bem preservadas em minha memória. Naquela pequena sala, no verão de 1916, ele mostrou diante de mim a simples e elevada ideia de "chalutzit".

- Pioneiro significa aquele que lidera o caminho - eu disse - Em que sentido? Trabalhadores?
- Não, é um conceito muito mais amplo. Obviamente, os trabalhadores também são necessários, mas não é o significado da palavra "chalutz". O que

precisamos é de pessoas dispostas "a tudo", a tudo que for necessário para Eretz Israel. O "trabalhador" possui seus interesses trabalhistas, os soldados seu "esprit de corps", o médico, o engenheiro e todas as demais ocupações exibem hábitos particulares por assim dizer. Mas nós devemos criar uma geração livre de interesses e hábitos particulares. Simplesmente um lingote de ferro. Flexível, mas de ferro. Metal a partir do qual é possível forjar tudo o que for necessário para o maquinário nacional. Está faltando uma roda? Eu sou uma roda. Faltando um prego, um parafuso, uma roda motriz? Aqui estou eu. Você precisa cavar o chão? Eu vou cavar. É necessário atirar, ser um soldado? Eu sou um soldado. Polícia? Médico? Advogado? Professores? "Carregadores de água"? À sua disposição, eu faço tudo. Não tenho fisionomia, não há psicologia, sentimento, nem mesmo um nome: sou a pura ideia de serviço, pronto para qualquer coisa, não estou ligado a nada, conheço apenas um imperativo: construir.

- Não há pessoas assim - eu disse.
- Haverá.

"Mais uma vez eu estava errado e ele estava certo. A primeira dessas pessoas estava sentada na minha frente. Foi assim: advogado, soldado, agricultor. Mesmo para Tel Chai, ele foi cuidar do trabalho da terra, encontrou sua morte por uma bala de fuzil, disse: "não é nada" e expirou em direção à imortalidade. ""

Quando Jabotinsky, juntamente com seus colegas da liderança do movimento juvenil Betar, definiu o plano Givus (mobilização), que se assemelhava amplamente ao plano atual da unidade Nachal das Forças de Defesa de Israel - cujo serviço combina atividade militar com trabalho agrícola em estabelecimentos específicos. Terá influenciado no seu conhecimento o fato de que, trinta anos antes, no início de sua atividade sionista, ele pregou essa ideia, chamando-a não de "pioneira" ou de



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



"mobilização", mas de "serviço militar"?

Aqui estão os conceitos expressos por ele em 1905:

"Para o sionismo político conquistar Eretz Israel para os judeus, eles mesmos devem fazê-lo. É assim que os povos de cultura procedem, cuja vontade é se estabelecer em um determinado território: eles a inundam com seus trabalhadores, e é isso que também faremos, se o melhor de nossa juventude não se esquivar do trabalho e da privação, em nome de Eretz Israel e de sua ressurreição. E eles não terão medo, já vemos desde agora: o propósito se move por si mesmo; de vários lugares chegam indícios de que os grupos de jovens estão se preparando para migrar para Eretz Israel. Não se trata de turistas ricos, mas pessoas humildes: chegam para ressuscitar nossa terra com trabalho. Haverá quem se estabelecerá e haverá quem sofrerá por vários anos e retornará, mas, durante esse tempo, estes também farão o que lhes cabe, cumprindo seu serviço militar ao povo.

Porque isso é - serviço militar. Por centenas de anos o povo judeu de Israel careceu de seus próprios soldados, agora chegou a sua hora. Uma pessoa que se junta ao exército em tempos de guerra e que ama sua terra natal não faz perguntas sobre se passará fome ou sofrerá com o calor. Também para nós esses são tempos de luta, e, nesse sentido, cabe a nossos combatentes estarem dispostos a trabalhar duro e também à fome e ao frio. Especialmente porque entre eles estarão aqueles que não têm o que perder; e se há que desabar sob cargas insuportáveis ou esmagar um pão ressecado com os dentes, é melhor fazê-lo em Eretz Israel do que em qualquer outro lugar. No entanto, tenho certeza de que encontraremos não apenas pessoas que não têm o que perder. Haverá também aqueles que virão de lares abastados, que abandonarão carreiras ricas e suas mulheres, e mesmo assim não terão medo. E o que, realmente, devem temer? Não é verdade que centenas de estudantes judeus, famintos por pão, morrem de frio nos sótãos de toda a Europa universitária? Não é realidade que o trabalho físico e o ar fresco são necessários precisamente para nós: os pálidos, com pernas

finas e peito afundado? Muitos retornarão recuperados, fortes e saudáveis como nunca antes. E não importa que eles nos abandonem: trarão consigo amor por Eretz Israel e o soprarão no coração dos demais, e eles mesmos, quando chegar a hora, aparecerão novamente nos locais de trabalho juvenil, uma vez que não é possível que uma pessoa semeie uma semente e não vem participar da colheita. E que se estabeleça uma lei entre nós: três anos juvenis cada um de nós deve dedicar ao "serviço militar", em nome do povo de Israel em sua terra ("O que devemos fazer" - volume "Primeiros escritos sionistas")

"Um pioneiro não existe para si mesmo, mas para aqueles que virão depois dele. Se um navio naufraga no meio do mar e alguns de seus passageiros conseguem arrastar-se até a costa, seu dever certamente não é virar as costas para aqueles que ficaram na água, mas o oposto - voltar para el e resgatar, resgatar e resgatar."

(Discurso em Varsóvia, 1939, volume "Discursos II")

Dentro da ideologia betarí, podemos encontrar diferentes princípios ideológicos baseados na imagem de Trumpeldor e em suas ideias sobre o novo tipo de judeu que deve ser criado pelo Betar e pelo sionismo revisionista.

Essa influência pode ser claramente observada nos princípios do legionismo e da mobilização. Esses dois fundamentos foram indispensáveis para a criação desse betarí necessário para a época e para, mais tarde, a sociedade no Estado de Israel.

Atualmente, esses ideais ainda são relevantes e foram adaptados às necessidades de nossos dias, mas, para entender para onde estamos indo, precisamos saber quais foram esses princípios que orientaram e seguem orientando o Betar por tantos anos.

O LEGIONISMO





100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



O princípio da legião é um tópico inabalável na ideologia do Betar: exige que seus membros e que toda a juventude judaica aprendam a manusear armas, estando prontos para responder ao chamado para a autodefesa e para, quando chegar a hora, construir a nova Legião Judaica. O Betar sustenta que o pioneiro que não foi treinado para essa tarefa é negativo e inepto para a Eretz Israel; a educação militar é uma das mais essenciais para o Betar.

Nossos inimigos chamam de "militarismo". Não há por que ter medo de uma palavra latina. Houve um tempo em que os primeiros sionistas foram ameaçados por outro termo latino: nacionalismo. Mas eles não ficaram assustados e responderam: existem duas variações de nacionalismo. Quando um povo, que tem seu próprio território, quer conquistar o de seus vizinhos, professa um nacionalismo indigno; no entanto, quando um povo privado de um lar exige um lugar ao sol, isso encoraja um nacionalismo nobre, do qual não há razão para se envergonhar.

O mesmo se aplica ao "militarismo". É um mau militarismo o Estado que, sem ter sido ameaçado, começa a se armar para atacar seus vizinhos pacíficos; ao contrário, é um militarismo sensato aquele praticado por nós, judeus, que somos perseguidos em todos os lugares e que, em Eretz Israel, corremos o risco de ver nossas colônias destruídas e nossa comunidade massacrada; nós nos armaremos apenas para a defesa de nossas vidas, de nossos bens e do nosso futuro e nos orgulharemos de ser militaristas dessa natureza.

A história nos ensina que toda grande colonização sempre despertou a resistência dos habitantes nativos do país colonizado: esse é um princípio sem exceções, e vemos que ele também é cumprido em Eretz Israel. Aqueles que justificam a oposição ao sionismo devem renunciar à colonização de Eretz Israel; entretanto, os que afirmam que o povo judeu tem um direito sagrado ao seu lar histórico, e que a resistência dos árabes (pessoas que ocupam um território equivalente a metade da Europa) é injustificável, devem traçar as consequências lógicas de suas próprias convicções,

colaborando na construção de um muro de ferro que impossibilita qualquer ataque destrutivo.

A MOBILIZAÇÃO (BRIGADAS DE TRABALHO)

**Guius: Eu sou como uma barra de cobre no dia da mobilização, como um bloco de ferro nas mãos de um ferreiro: Tzión me molda à sua vontade - foice, roda de engrenagem ou também punhal e espada.
"HaNeder" (a promessa)**

A palavra "mobilização" tem, para o Betar, dois significados. O primeiro, o mais importante, e quando chegar a hora - uma nova legião judaica. O segundo, permanente: ao chegar em Eretz Israel, cada membro do Betar é obrigado, de acordo com nossos estatutos, a considerar-se em estado de mobilização por dois anos, ou seja, por ordem do Betar Mundial, e a aceitar qualquer tipo de trabalho, quaisquer que sejam as condições.

Esse princípio é de grande importância. Hoje, quando a imigração para Eretz Israel perdeu parcialmente seu alto significado e muitos não-sionistas tentam "refugiar-se" em Eretz Israel, sem se preocupar com os ideais nacionais, a diferença entre os conceitos de "pioneiro" e "fugitivo" foi perdida. O Betar proíbe essa confusão. Ir para Eretz Israel como pioneiro é, para nós, um "feito", um sacrifício pela causa do povo e não um caminho de salvação pessoal; é por isso que impomos ao membro do Betar um completo esquecimento de seus interesses durante os primeiros dois anos. Nesse ínterim, deve ser apenas um instrumento de construção para o Estado Judeu. E é isso que nossos jovens membros das colônias judaicas fazem, organizados em brigadas de trabalho.



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



ASSENTAMENTOS JUDAICOS CRIADOS PELO BETAR



Tel Chai também simboliza a colonização judaica da Terra de Israel. A visão de Trumpeldor sobre a fronteira do Estado Judeu era muito clara: no local onde os judeus trabalham a terra, ali estará a fronteira de Medinat Israel.

Essa política teve um grande impacto nos betarim desde antes da criação do Estado até hoje. "Mishkei Cherut-Betar" é o nome da organização de assentamentos do movimento revisionista em seus vários órgãos: Betar, Cherut e o Sindicato dos Trabalhadores Nacionais.

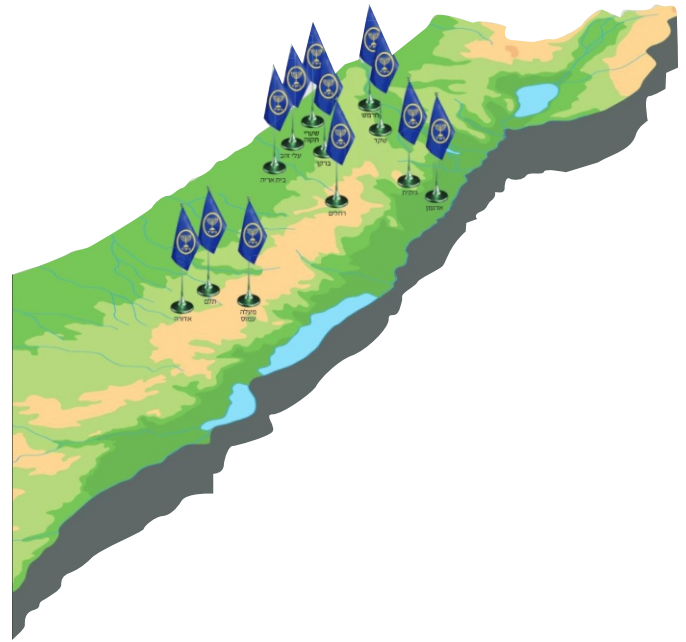
A primeira forma de assentamento do Betar na Terra de Israel foi através das divisões de mobilização "Plugot HaGuius" (divisões de trabalho), como as divisões de Rosh Pina e Plugat HaKotel.

O primeiro assentamento foi estabelecido em Ramat Tiomkin em 1932. Depois disso, "Tel Tzur" foi estabelecido na área de Zichron Yaacov. Em seguida, seus membros se mudaram para a área da Fortaleza Shuni, e mais tarde próximo da zona de Binyamina, onde seu nome foi alterado para Nahalat Jabotinsky.

A maioria dos assentamentos foi estabelecida no início dos anos 80 com os Garinei Betar (grupos de jovens betarim).

A maior parte das comunidades se estabeleceu como "cooperativas".

Nomes dos assentamentos: (em ordem do ano de fundação - nem todas as cidades existem hoje)



- | | |
|----------------------|------------------|
| 1.Ramat Tiomkin | 21.Shaal |
| 2.Najalat Jabotinsky | 22.Tzurit |
| 3.Nordia | 23.Maale Shomron |
| 4.Mishmar HaYarden | 24.Jomesh |
| 5.Mevo Betar | 25.Guilon |
| 6.Misgav Dov | 26.Barkan |
| 7.Josen | 27.Maale Amos |
| 8.Amikam | 28.Beit Arie |
| 9.Aviel | 29.Shaked |
| 10.Guivat Nili | 30.Shekef |
| 11.Bar Guiora | 31.Kojab Yair |
| 12.Ramat Raziél | 32.Adora |
| 13.Amatzia | 33.Telem |
| 14.Tzur Natan | 34.Slaait |
| 15.Dikla | 35.Shaarei Tikva |
| 16.Argeman | 36.Ganim |
| 17.Neot Sinai | 37.Alei Zahav |
| 18.Guitit | 38.Jarmesh |
| 19.Brujim | 39.Kedim |
| 20.Jad Nes | 40.Kidar |



CHALUTZIUT NO BETAR

A raiz do "chalutzionalismo", em sua formação "jabotinskyana", é encontrada no voluntariado e na mobilização para um esforço que transcende os limites da obrigação e da conveniência pessoal.

A particularidade do conceito de chalutzit no Betar, ao contrário do resto das correntes sionistas, é expressa em duas características:

* Não é identificado com uma estrutura única e definida (por exemplo: colonização de kibutzim), mas pode ser revisado periodicamente, de acordo com as diferentes circunstâncias e necessidades. Em outras palavras, não existe uma única forma de pioneirismo.

* Não exige o sacrifício das aspirações pessoais do chalutz. Seu serviço completo, que exige todo o seu tempo e o compromete a viver em uma certa estrutura de vida, é determinado por um tempo definido. Antes da criação do Estado e durante os primeiros anos da Medina, havia um serviço de dois anos nas Plugot HaGaius. Após esse período, a escolha e a decisão individual tornam-se o principal determinante de seu comportamento. O Betarí é livre, como indivíduo, para escolher o melhor caminho para poder continuar sendo pioneiro em Eretz Israel.

A criação do Estado de Israel, juntamente com o pedido de revisão do termo chalutz de acordo com o tempo e com as necessidades do povo de Israel, nos forçam a falar sobre o chalutz, também, 100 anos após a batalha de Tel Chai.

O ESPÍRITO CHALUTZIANO NA DIÁSPORA

O espírito chalutziano de cada betarí deve ser um exemplo para os outros em sua ânsia de ajudar e contribuir para a união do povo judeu na diáspora e para o ativismo sionista na comunidade. Ao contrário do chalutz, o madrich

com espírito chalutziano será um betari que dará o exemplo, que fará todo o possível, estando na diáspora, para o bem de Israel, que atuará na tnuá por pelo menos dois anos, que liderará o conselho de jovens sionistas na comunidade e que, dessa forma, conduzirá a comunidade judaica com o objetivo monista de todo o betari: a bandeira azul e branca.

Um "chalutz" ideal são os betarim e betariot que decidem modificar a história de sua própria família, que é de fato a história de um povo inteiro. "Chalutzim" que dão esse grande e indispensável passo para garantir a continuidade do povo judeu e da maioria judaica na terra de Israel. Um chalutz no século XXI é aquele betarí que "volta para casa".

A próxima pergunta a ser feita é o que acontece quando chegamos a Israel? Como escrevemos anteriormente, no Betar existe o princípio da mobilização (gíus), que em seu momento foi expresso através das Plugot HaGaius, quando os betarim chegavam e estavam destinados a dedicar dois anos de suas vidas ao serviço nacional.

O Betar educa seus chanichim e bogrim para serem pioneiros e não refugiados que fogem de seu país de origem. O princípio da mobilização continua sendo um fundamento muito importante, que pode ser expresso de diferentes maneiras.

Como seremos chalutzim em Israel? Deveríamos dedicar dois anos de nossas vidas ao serviço nacional e depois começar nossa vida em Medinat Israel?

O sionismo de Jabotinsky foi chamado de "Grande Sionismo", pois, em sua visão, não era suficiente fazer aliá, mas também deveria-se criar em Israel uma sociedade que fosse uma luz para as nações. Israel precisa de jovens judeus são de corpo e alma, os quais sacrifiquem partes de seus interesses egoístas para ajudar toda a sociedade. É por isso que existem diferentes maneiras de continuar sendo um chalutz em Israel.



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



Se nos basearmos no princípio do legionismo, aquele ole chadash (novo imigrante) que faz aliá, e o Estado o chama para alistar-se no exército deve fazer todo o possível para cumprir essa ordem e se tornar um exemplo de soldado no Tzahal (Tzavá Hanagá Lelsrael - em português, Forças de Defesa de Israel). Um betarí deve se orgulhar de servir no Tzahal e fazer o possível para se tornar pioneiro também dentro das forças armadas. Mas não somente por obrigação um betarí deve ingressar no exército, mas também voluntariamente, uma vez que fazer parte do Tzahal continua sendo uma das formas mais puras de exercer a chalutzit e é certamente de grande importância para o Estado de Israel.

Um betarí que continua sendo um chalutz em Israel é aquele que, de alguma maneira, busca melhorar a sociedade israelense. Como betarim, temos a necessidade de satisfazer nossos sonhos individuais, mas também devemos pensar em como podemos contribuir, mudar e melhorar a sociedade em que vivemos. Temos a sorte de ter olim betarim de todo o mundo que dedicam suas vidas à educação de centenas de milhares de jovens judeus, trabalhando na Sochnut Halehudit (Agência Judaica), fazendo shlichut. Temos betarim que decidiram ser professores e educar as próximas gerações de israelenses, betarim que decidiram trabalhar em ONGs para ajudar os mais necessitados e, assim, melhorar a sociedade israelense, e também há chalutzim que decidiram trabalhar em empresas de alta tecnologia, a fim de desenvolver o mundo de uma maneira ou de outra.

O chalutz de hoje deve se perguntar se seu trabalho o faz feliz e se, de alguma forma, está contribuindo para a sociedade israelense e/ou para o bem do povo judeu.

"חלוץ איננו חי
למען עצמו אלא
למען אלה שיבואו
אחריו"

“O pioneiro não
vive para si
mesmo, mas para
aqueles que virão
depois dele.”



Zeev Jabotinsky



CHALUTZIM XXI

Quando falamos de chalutziut no século XXI, queremos pensar especificamente nos jovens que contribuíram para a sociedade israelense em diferentes áreas. Cada um deles simboliza o clima do nosso tempo: alguns foram combatentes, outros criam novos assentamentos judaicos, outros cuidam da terra de Israel e da conexão do povo com ela e outros simplesmente acham necessário mudar alguma coisa na sociedade e, apesar da pouca idade, eles vão e fazem. Esse é o tipo de juventude que procuramos e, como Jabotinsky escreveu bem: um chalutz não vive por seu próprio bem, mas pelo daqueles que virão depois dele. ”

ZIV SHILON



Ziv Shilon ingressou na Brigada Guivati em 2006. Durante seu serviço militar, completou o Curso de Oficiais de Infantaria da Escola de Oficiais do Tzahal e participou de inúmeras operações, incluindo a Operação Chumbo Fundido, na fronteira com a Faixa de Gaza.

Em 23 de outubro de 2012, em seu último dia no comando, o batalhão atravessou a Faixa de Gaza para procurar e neutralizar túneis e explosivos perto da cerca de segurança. Momentos antes do final da operação, Ziv se aproximou da cerca para abrir o portão e, assim, permitir que as forças de engenharia que trabalhavam ao lado de Guivati retornassem ao território israelense.

Ao abrir o portão, um explosivo foi ativado, estourando diretamente no corpo de Ziv, enquanto o resto de seus soldados estavam atrás, em uma área protegida. Essa explosão o feriu gravemente, suas mãos foram completamente destruídas e seu corpo queimado. Passados alguns minutos, ainda no chão, ele conseguiu se reerguer e retornar ao grupo de soldados. Devido às grandes feridas, Ziv foi submetido a uma cirurgia para restaurar a mão direita e a onze meses de hospitalização e reabilitação intensiva.

Após o processo de recuperação, Ziv começou a estudar e, ao mesmo tempo, a atuar em projetos sociais. Em 2015, ele estabeleceu um projeto chamado "Alguém com quem correr", no qual combatentes feridos participavam de atividades e esportes radicais junto a jovens e crianças em "situação de risco". Além disso, junto com seus colegas de classe e vários professores de sua universidade, ele fundou o programa Shorashim (raízes) para ajudar soldados feridos que estão em reabilitação a escolherem uma profissão, receberem estudos acadêmicos e terem sucesso no mercado de trabalho.

Em abril de 2016, ele lançou o projeto Combat Fitness na prisão de Ofek, a única de jovens no país, com o objetivo de reabilitar os adolescentes por meio do empoderamento e da



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



conexão com o Tzahal a fim de integrá-los com os preparativos pré-militares após saírem da prisão.

TIRAEI COHEN



Aos 20 anos, Tirael e alguns amigos decidiram criar uma organização com o espírito de reviver o assentamento judaico (itiashvut) na terra de Israel.

Em 2014, Tirael fundou a organização Kedma, uma organização sem fins lucrativos focada em trabalhar com jovens para restaurar a relevância do valor dos assentamentos sionistas no século XXI.

Para eles, a linha verde não existe, eles simplesmente se estabelecem na Terra de Israel como costumavam fazer os grupos Garinei HaNachal. Essa era a forma de assentamento antes da criação do Estado, então hoje eles estão produzindo um novo modelo. Pioneiros de outra espécie.

O objetivo dessa organização é fortalecer os assentamentos rurais em Medinat Israel através da agricultura, da educação, do bem-estar social e da comunidade, enfatizando o valor de conectar pessoas com elas mesmas, com a terra e com a comunidade.

Tirael criou "aldeias" estudantis em diferentes partes de Israel, mas principalmente na zona da Judéia e Samaria, onde centenas de jovens têm a possibilidade de viverem e serem voluntárias nessas comunidades.

Os estudantes lideram projetos sociais nas comunidades, após um mapeamento

abrangente das necessidades regionais e a construção de um plano de ação. As atividades geralmente ocorrem em uma variedade de áreas, tais como: bem-estar social, comunidade, cultura, agricultura; permitindo que cada aluno seja criativo e tenha um impacto significativo na sociedade e nos assentamentos.

Kedma, o novo sucesso do assentamento judaico criou, nos últimos anos, mais de sete aldeias estudantis em toda a terra de Israel: desde o Golan, através do vale do Jordão e da área de Binyamin, até o Monte Hebron.

Os pioneiros do século XXI não se parecem com antes, eles têm uma melhor qualidade de vida, ouvem boa música, comem boa comida e têm um bom carro, e ao mesmo tempo trabalham e vivem por um valor maior do que eles.

JOEL SILBERMAN



Joel Silberman fundou a organização Hashomer HaChadash para ajudar os agricultores, em 2007, juntamente com um grupo de ativistas amantes da terra de Israel. A organização foi criada especialmente para cuidar das terras dos agricultores judeus no Neguev e na Galileia, de suas plantações e animais e, assim, garantir a responsabilidade mútua entre todos os cidadãos de Israel pela terra.

A organização foi criada com base nos fundamentos ideológicos da organização Hashomer do século XX. Essa nova Hashomer procura renovar a preservação da terra do povo judeu e visa criar mudanças estratégicas e conscientes na sociedade israelense, fortalecendo a conexão com a terra e a



100 ANOS DA BATALHA DE TEL CHAI CHALUTZIUT 2020



importância de mantê-las e agindo para renovar a ideia sionista e inculcar valores de coragem e valor civil.

A instituição trabalha com milhares de voluntários e jovens que decidem fazer um ano de Shnat Sherut (serviço nacional) em diferentes áreas do país e em diferentes projetos de grande importância. Eles e seus modos são variados:

* Programa de Liderança, um programa pré-militar, projetado para alunos do ensino médio, dura entre um a dois meses. Ele procura abordar as realidades do campo em Israel e os desafios da época, enquanto constrói uma geração que trabalha para cumprir com o ideal sionista.

* Torres de Vigia: os voluntários são submetidos a dias de treinamento básico e cada um deles se compromete a doze noites de shmirá (guarda) nas áreas agrícolas. Os vigilantes fornecem uma base para o voluntariado e uma ferramenta importante para criarem presença e uma sensação de segurança.

* Programa Choma U'Migdal (fronteira e torre): um programa projetado para ex-soldados, o qual une o trabalho agrícola com estudo.

da organização, passou a ser a mechanechet (educadora) pessoal de Kfir, um garoto de três anos com paralisia cerebral.

Para Adi, Kfir rapidamente se tornou um irmão mais novo. Através do conhecimento adquirido e da amizade que construiu com Kfir, conheceu o mundo da educação especial e, através da conexão com sua família, sua visão de mundo e sua abordagem sobre o assunto foram moldadas.

Em 2002, quando Adi tinha 16 anos, ingressou na LEAD, uma organização de desenvolvimento de lideranças juvenis. Mais tarde, inspirada por seu relacionamento com Kfir, Adi, sua mãe e sua própria família decidiram formar um novo movimento juvenil em Israel: **Asas de Krembo: o primeiro e único movimento juvenil em Israel para jovens com necessidades especiais.**

Todo garoto, garota, rapaz e moça na sociedade israelense juntos criarão um lugar e um sentimento de pertencimento para cada pessoa. Até 2014, Adi desempenhou o papel de responsável da tnuá.

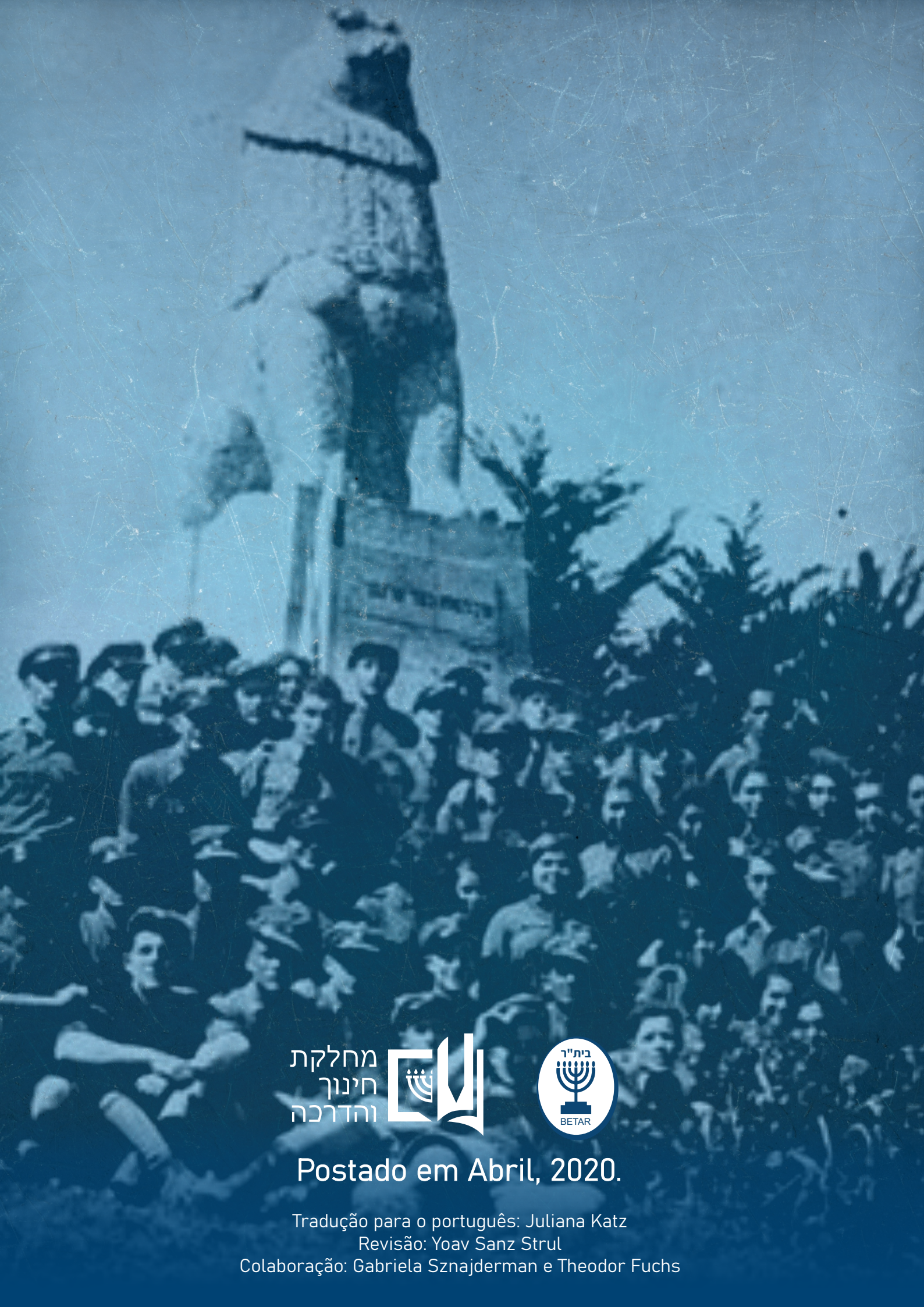
O movimento cresceu ao longo dos anos e atualmente trabalha com mais de 6.000 crianças e jovens em aproximadamente 66 sedes espalhadas por toda Medinat Israel.

Em 2009, recebeu o prêmio do Presidente de Israel por liderar a mudança social e, no 60º aniversário da Independência, foram selecionados para acender uma tocha em nome da juventude e dos movimentos juvenis voluntários.

ADI ALTSHULER



Adi nasceu em Hod HaSharon em 1986. Quando tinha 12 anos, começou a trabalhar como voluntária em uma ONG chamada ILAN. Dentro



מחלקת
חינוך
והדרכה



Postado em Abril, 2020.

Tradução para o português: Juliana Katz

Revisão: Yoav Sanz Strul

Colaboração: Gabriela Sznajderman e Theodor Fuchs